

OFICINA LITERÁRIA "SÓ SEI QUE NADA SEI"

Claudioмиro Ramos Moreira¹

Simone Oliveira²

Resumo:

O presente trabalho, visa apresentar o projeto de intervenção desenvolvido no decorrer do Estágio Curricular Obrigatório II em Serviço Social, desenvolvido no Centro de Formação Teresa Verzeri, localizada no Município de São Borja. O projeto em questão visava, o desenvolvido, a criação de uma oficina literária, intitulada "Só sei que nada sei", a trabalhando, por meio da leitura, da música e de vídeos, visava a potencialização do pensamento crítico, das crianças e adolescentes atendidos pela instituição. Para o desenvolvimento deste projeto contou com a realização de nove (09) encontros, realizados uma vez na semana, com duração de 1 hora, com temas definidos. Tendo como público usuário, as crianças e adolescentes da Turma Quero-Quero do Centro de Formação Teresa Verzeri, as quais tinham entre 10 e 15 anos. Este projeto, possuía como meta, entrar ali onde a educação formal, disciplinar e controladora, apenas adentrava para reprimir de forma a moldar um padrão, mesmo sendo um padrão de criatividade. O local, onde adentramos com a oficina, foi o local da dúvida, da curiosidade, da vontade de saber, um local onde estimula-se o desejo, da criação do conhecimento particular (individual) e o universal (coletivo). Para isto, buscou-se não apenas desenvolver, um local da dúvida, mas, igualmente um local para haver a construção de um conhecimento coletivo tendo como objeto, a realidade tanto individual quanto coletiva. Em suma, por meio de tal projeto, o que se buscou foi, potencializar nas crianças e adolescentes um espírito crítico, voltado para o autoconhecimento, desenvolvendo o gosto pela leitura e pelos livros, forma esta, extremamente forte de conhecer a si e ao mundo.

Palavras-chave: oficina, leitura, pensamento crítico

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

OFICINA LITERÁRIA "SÓ SEI QUE NADA SEI"

¹ Aluno de graduação. crmclaudiomoreiracrm@gmail.com. Autor principal

² Docente. simoneoliveira@unipampa.edu.br. Orientador



OFICINA LITERÁRIA: *SÓ SEI QUE NADA SEI*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta, é parte do projeto de intervenção desenvolvido no decorrer do Estágio Curricular Obrigatório II em Serviço Social, desenvolvido no Centro de Formação Teresa Verzeri, localizada no Município de São Borja. O projeto em questão visava, o desenvolvido, a criação de uma oficina literária, intitulada “Só sei que nada sei”, destinada a trabalhar, por meio da leitura, da música e de vídeos, a potencialização do pensamento crítico, das crianças e adolescentes atendidos pela instituição. Na atual sociedade, nada mais, pode ser considerado, como arma contra as pseudo verdades, que o pensamento crítico, o ato de pensar por si mesmo, encontra-se atualmente em risco. Estando a educação, sofrendo aos prantos duros golpes, sem que ninguém a ouça, o projeto em questão, foi destinado, para aqueles que mais sofrem pelo estado da educação do país. Sua relevância encontra-se no fato de oferecer, uma ferramenta importante na potencialização da capacidade crítica e reflexiva dos jovens, sendo capaz de não apenas identificar dificuldade de aprendizagem, mas de ser capaz de intervir de uma forma diferente da comumente utilizada na escola. Tal projeto, desta forma, possibilita o contato com outros valores culturais, que até então eram desconhecidos tanto das criança quanto dos adolescentes, expandindo desta forma, seu horizonte de conhecimento.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto contou com a realização de nove (09) encontros, realizados uma vez na semana, com duração de 1 hora, com temas definidos. Tendo como público usuário, as crianças e adolescentes da Turma Quero-Quero do Centro de Formação Teresa Verzeri, as quais tinham entre 10 e 15 anos. Tinha como meta alcançar 50% dos educandos da turma Quero-Quero, a qual conta com vinte e cinco (25) educandos, tal meta não foi alcançada, a oficina ficou com o total de dez (10) educandos/usuários.

Nos fatores mais subjetivos, os quais não são medidos quantitativamente, estes se demonstram promissores. A capacidade de interligar os temas debatidos com a sua realidade, demonstrou-se de forma satisfatória em 50% dos educandos que participavam da oficina.

A avaliação dos resultados obtidos pelo referido projeto se deu em cinco (05) modos. O primeiro é adesão e o envolvimento dos educandos/usuários na oficina, estes dados são mais qualitativos, pois se relaciona com emocional, o subjetivo dos educandos, avaliado por meio de fichas de presença. O segundo diz respeito a avaliação dos textos produzidos, entra nesta área a capacidade de escrita, a coesão do texto, o desenvolvimento do raciocínio, outro método de avaliação é a participação nos diálogos, bem como nas atividades realizadas, avaliados pelos número de textos produzidos em relação pelo número de participantes da oficina. A terceira, diz respeito da demanda dos educandos em continuar com a oficina até o final do ano letivo, isto é, para além do tempo do estágio II. O quarto, diz respeito a continuidade da oficina pelo CFTV, como uma oficina constituinte do programa

pedagógico da instituição. O último modo de avaliação é número de participantes, no início e fim da oficina.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Elias Canetti (1995, 13), diz que “Não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo”. Há um abismo, entre ver e conhecer, para ver basta um relance dos olhos sobre o objeto, conhecer deriva de uma atividade sistemática, paciente e principalmente de um pensamento crítico e de uma mente inquieta. Têm-se atualmente mentes inquietas, devido ao excesso de informações, existe toda uma dificuldade de direcionamento do pensamento, para atividades que tenham um desenvolvimento mais lento, do qual estamos acostumados, vivendo na atual sociedade. Aristóteles *apud* Oliva (2011, p. 15) “[...]afirma que a busca do conhecimento dissociada da utilidade nos ambientes em que os homens começaram a desfrutar do ócio”. Ter um momento de livre pensamento, pensar poesia, sonhar com mundos dos mais fantásticos, torna-se a cada dia mais difícil.

Considerando tal cenário, este projeto, possuía como meta, entrar ali onde a educação formal, disciplinar e controladora, apenas adentrava para reprimir de forma a moldar um padrão, mesmo sendo um padrão de criatividade. O local, onde adentramos com a oficina, foi o local da dúvida, da curiosidade, da vontade de saber, um local onde estimula-se o desejo, da criação do conhecimento particular (individual) e o universal (coletivo). Para isto, buscou-se não apenas desenvolver, um local da dúvida, mas, igualmente um local para haver a construção de um conhecimento coletivo tendo como objeto, a realidade tanto individual quanto coletiva, “Em suma, algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e que desperte seu interesse por um determinado problema (GALLO, 2007, p. 28)”.

Buscou-se a implantação da dúvida, do questionamento, está dúvida tão reprimida nas escolas, tida como algo negativo que deve ser expurgada a qualquer custo. Este gosto pelo aprendizado se dará mediante, a “palavra” lida e escrita, a “palavra” presente nos livros, nas músicas nos filmes, em fim as palavras no e do mundo, “A palavra viva cria sentido humano para a vida, tornando a vida humanamente possível. Cada palavra autêntica abre ao seu redor espaço para o silêncio da compreensão (PERISSÉ, 2006, p. 18)”.

O projeto despertou a curiosidade dos adolescentes sobre um mundo muito maior que, aquele que conheciam e estavam acostumados. A participação tímida no primeiro dia foi expurgada completamente com o tempo, a vontade de saber e a dúvida se fizeram tão forte, que gritava para ser suprimida com uma resposta, que em muitas das vezes, não satisfazia tamanha curiosidade. Ao mesmo tempo, por meio da leitura, busca-se potencializar (ou em alguns casos desenvolver) o gosto pela leitura. É descobrir nos livros, um mundo totalmente diferente, e ao mesmo tempo tão familiar.

A questão colocada é a necessidade de uma educação que possa, criar e/ou desenvolver nos jovens este gosto pela leitura, e conseqüentemente pelo pensamento crítico, “A conquista de um conhecimento crítico, autônomo e criativo é tão crucial para a liberdade e a afirmação dos projetos políticos dos setores subjugados [...] (SEMERARO, 2006, p. 18)”. Aborda-se a questão da leitura, pois atualmente é a leitura um dos desafios para uma educação de qualidade no Brasil, a pouca leitura principalmente entre as crianças e adolescentes, possui fortes

impactos não apenas na aprendizagem, mas, igualmente na forma de aprender o mundo. Um fator que implica neste “abandono” da leitura é imposição desta como algo obrigatório, em muitos casos colocados como forma de punição. A leitura o gosto pelo livro deve ser ensinada como algo prazeroso, “[...] aquele objeto que nos faz viajar sem riscos, conhecer sem limites, sonhar sem medo [...]” (PINSKY, 2008, p.131)”, o gosto pela leitura é uma descoberta, a leitura deve representar um encontro com o diferente, é a descoberta do poder da “palavra”, “A palavra cria mundos, é ativa e ativadora. Com a palavra criamos o passado, o presente o futuro. [...] A palavra dá forma à realidade. Dá realidade à realidade (PERISSÉ, 2006, p. 9)”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a realidade da educação no Brasil, a muito vem sofrendo com o descaso por parte do Estado, ainda sendo vista como gasto e não investimento.

Ao mesmo tempo, percebe-se a existência de uma vontade extremamente grande dos jovens em aprender adquirir conhecimentos, mas, há o problema do pouco incentivo dado a estas crianças e adolescentes. Se eles são o futuro do país, tal futuro encontra-se ameaçado de extinção, quando percebe-se o pouco ou quase nulo incentivo dado as crianças e adolescentes quanto o assunto e educação. Há a necessidade de resgatar o gosto e o prazer pela leitura, nos jovens e adolescentes.

O conhecimento é uma forma de poder, isto é, constrói-se sobre discursos, os quais dão uma visão de mundo, de homem no mundo. O conhecimento sobre seus direitos, é uma das formas mais que evidentes de como o conhecimento pode ser entendido como um poder, ele auxilia no desenvolvimento de uma consciência crítica e daí para a prática, sob o viés da modificação da sua história, assim o conhecimento, este saber/poder é a forma, pela qual os educandos/usuários construíram sua autonomia.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. PNAS/SUAS. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso 19/11/2016>.

CANETTI, Elias. Massa e poder / Elias Canetti ; tradução Sérgio Tellaroli – São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

GALLO, Sílvia. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In. Filosofia no ensino médio: Temas , problemas e propostas: Silveira, Renê J. T; Goto, Roberto (orgs). 2007.

MILLER, Alice. A revolta do corpo / Alice Miller ; tradução Gercélia Batista de Oliveira Mendes ; revisão da tradução Rita de Cássia Machado. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e educação** / Jaime Pinsky. – 9. ed ., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2008.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates das filosofia da práxis** / Giovanni Semeraro. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & educação** / Gabriel Perissé . – Belo Horizonte : Autêntica , 2006.